

# A Coluna do Kina

## REFLEXÕES SOBRE ESTÉTICA DENTÁRIA: PARTE I – UMA INTRODUÇÃO

*Reflections on dental esthetics: Part I — Introduction*

Quando falamos sobre percepção estética e do sentido da beleza, entramos em um terreno extremamente litigioso. É evidente que o julgamento de padrões estéticos será sempre subjetivo, e a imposição de um padrão de beleza será sempre autoritária. Dessa forma, tentarei, nesta e nas próximas colunas que completam o ano, escrever sobre o assunto, a partir de meu ponto de vista, tentando buscar algum grau de consenso que possa existir em relação à beleza dos elementos dentários e sua composição com o entorno facial.

A estética dentária pode ser dividida em duas situações distintas. A primeira, eu defino como **estética mimética** ou estética de cópia. Esse conceito é sempre aplicado, quando realizamos restaurações unitárias totais ou parciais, em dentes cujo homólogo contralateral está presente e não será restaurado. Nesse caso, seu objetivo principal é deixar “invisível” a restauração, em meio às outras estruturas dentárias. Aqui não é necessário criar nenhum conceito, é simplesmente copiar as estruturas dentárias naturais em forma, cor e transparência. Embora tecnicamente essas restaurações sejam desafiadoras, conceitualmente, são extremamente simples: olhe para os lados, ficou um pouco claro, escureça; ficou muito quadrado, arredonde; ficou um pouco longo, encurte; simplesmente copie o entorno.

A segunda situação pode ser definida como **estética de composição**, e nela se concentram os estudos de estética dentária. Ela é aplicada quando estamos trabalhando os grupos dentários anteriores em pares, por exemplo, os dois incisivos centrais, os quatro incisivos, os seis anteriores ou mais elementos. É nessa situação que aplicamos todos os conhecimentos de proporção e fundamentos básicos de estética dentária (embora eu seja um pouco contrário a essa ideia de estética dentária. Acho que devemos pensar em estética facial, mas vamos discutir isso na última coluna do ano). É também nessa situação que existe liberdade para compor a estética – logicamente, quanto mais dentes estão envolvidos, mais há “liberdade para criar”.

Para tanto, serão respeitados dois princípios básicos. Primeiramente, há o princípio inquestionável da fisiologia, de que toda forma representa uma função e toda função requer uma forma – atenção, não se pode “desenhar” dentes fora dessa regra. O segundo princípio é a máxima definida como “unidade na variedade”. Considerando-se que o aspecto plástico mais importante que compõe a estética do sorriso é o equilíbrio visual e que os arranjos dentários partem da composição de dois la-

dos espelhados – direito e esquerdo –, seria extremamente fácil equilibrá-los, se fossem simétricos, o que infelizmente não são. É preciso entender, então, que sempre vão existir pequenas (ou grandes) variações entre os dentes, e o segredo do equilíbrio será construir uma unidade visual, apesar das variações.

Para compor esteticamente os arranjos dentários, vários estudos já foram realizados, e muitas tentativas de se criar regras e fundamentos que sirvam de guia para compor a estética, apresentados. Regras ou fundamentos estéticos estão presentes em várias atividades humanas relacionadas à cultura e, especialmente, à arte. Os fundamentos são, essencialmente, princípios organizadores do *design* das coisas. Sua identidade está arraigada, na maioria das vezes, na observação dos padrões médios apresentados pela natureza ou na preferência intrínseca da maioria, em determinada sociedade. Seu princípio tem raízes nas culturas mais antigas, em que o pensamento estrutural – mesmo antes de sua última codificação, no modernismo europeu e americano – já era traço característico das culturas organizadas.

Os chineses, os japoneses, os gregos, os romanos, os incas e muitos outros povos seguiram ideias estruturais ao desenhar, construir e organizar imagens. Exemplos dessas regras organizadoras ou padronizações estéticas podem ser encontrados no *design* proposto em vários ramos da arte. Um bom exemplo é a orientação das proporções baseadas na “proporção áurea” (1:1, 618), que foi – e é – norte para vários artistas e pensadores, inclusive dentistas e técnicos em prótese dentária.

Mas, ao mesmo tempo em que são amados, os fundamentos estéticos também são odiados, pelos pressupostos absolutos intrínsecos a sua concepção. Para alguns pensadores, os fundamentos e regras fazem parte incontestável do processo de trabalho, oferecendo precisão, ordem e clareza. Para outros, são símbolos da opressão estética, uma prisão sufocante que atrapalha a busca da expressão. Em uma discussão sobre estética, uma simples conversa sobre o lugar das coisas, o simples “pôr ordem na casa” pode gerar conflitos insolúveis de opiniões. No contexto de nossa nova era, avaliando o curso da liberdade de pensamento e da cultura em geral, o princípio unificador dos fundamentos estéticos – e o valor de outras ideias organizadoras – é tema que merece ser discutido, afinal, o maior risco das regras é sucumbir a sua regularidade, em detrimento da singularidade de cada caso em particular. Vamos discutir isso nas próximas revistas.



*"O maior risco das regras é sucumbir à sua regularidade em detrimento da singularidade de cada caso em particular".*



Sidney Kina  
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná  
[www.sidneykina.com.br](http://www.sidneykina.com.br)